

Callado e a Abolição

RUBEM BRAGA

1232
ACHO que Antônio Callado foi infeliz em seu artigo de terça-feira no «Jornal do Brasil» quando falou da abolição da escravatura como de um ato de magia branca, bem intencionado, mas contraproducente. Diz êle, depois de transcrever o texto da lei:

«Com isto foram libertados no papel os 700.000 escravos que ainda existiam, mas a escravidão permaneceu. Como não havia, por trás da lei mágica, educação ou empregos remunerados para a massa libertada, esta entrou em concorrência com os semi-escravos de pele mais clara e acabou de arrebentar o mercado de trabalho. A escravidão, em vez de extinta, passou a abraçar pretos e brancos».

E' inegável que a abolição produziu uma crise econômica; mas o grande culpado dessa crise não foram os abolicionistas, mas os grandes senhores de escravos que vinham sabotando sistematicamente desde 1865, quando apareceu o primeiro projeto formal de Abolição, toda tentativa de resolver o problema de maneira gradual e sensata. Dizer que a escravidão continuou é apenas uma maneira de falar. Desde o momento em que o negro pôde mudar de senhor êle deixou de ser escravo. Não vale a pena lembrar os lados mais deprimentes da escravidão: basta dizer que só em 1886 foi abolida a pena de açoites aos escravos! Foi um negro velho de um engenho de Pernambuco que me fez sentir a profunda significação da Lei Áurea, que para êle fôra principalmente isto: a liberdade de cair no mundo, de largar o senhor odiado e ir procurar viver de qualquer jeito onde bem entendesse. Este aspecto sentimental, moral, humano, que marca a diferença entre o miserável livre e o miserável escravo, me parece por si só capaz de justificar de longe a magia branca de 13 de Maio. Não cabe numa crônica a discussão histórica, mas vale lembrar que a imigração supriu quase imediatamente, em São Paulo, cuja força econômica rompia, o vazio deixado pelos negros que abandonaram as fazendas. Esperar que os negros tivessem «educação ou empregos remunerados» enquanto permanecessem escravos seria esperar até o fim do mundo.

Um certo economicismo barato criou essa tese do «erro» de 13 de maio, que foi, na verdade, um ato de alta cirurgia, tarde mas necessário, que veio extirpar um cancro que impedia o organismo nacional de se desenvolver. Foi um ato revolucionário e um ato de beleza, o que êle destruiu não merecia viver, porque era baseado na ignomínia e no atraso crônico.

Quanto ao texto da lei, que é de Ferreira Viana, êle me parece maravilhoso de síntese e precisão e deveria ser citado em todo curso de redação nas escolas de jornalismo e como padrão de técnico legislativa: «E' declarado extinta a escravidão no Brasil».

E' certo que temos ainda muitas abolições a fazer; mas por isso mesmo o 13 de maio deveria voltar a ser feriado nacional, pois é o grande marco inicial da luta pela libertação do homem no Brasil.

Quanto ao Antônio Callado, eu estou convencido de que, se fôsse jornalista no Segundo Reinado, êle teria escrito artigos esplêndidos e até comido cadeia pela causa da Abolição. E estaria certo.

DN-23.3.67